

O INSTITUTO DE PATOLOGIA DO LIVRO EM ROMA

Quando, em Outubro do ano passado, me encontrei uma tarde na Via Milano, no coração de Roma, frente a um portão fechado, com o n.º 76, junto a um alto muro de onde sobressaíam **árvores copadas que dir-se-ia pertencerem a um belo parque particular**, estava bem longe de imaginar o significado exacto da modesta placa fixada no muro, em que se lê: Istituto di Patologia del Libro "Alfonso Gallo". Vim a sabê-lo no dia seguinte, porque o Instituto só funciona de manhã, o que eu ignorava.

As impressões que ali colhi, gostava de as compartilhar com todos os colegas e lembro àqueles que algum dia forem à Itália, que o visitem, mesmo que, como eu, não sejam especialistas na matéria.

Terão oportunidade de verificar que se encontram perante uma instituição que não é apenas um centro de restauro ou recuperação do livro ameaçado ou perdido, mas também um instituto científico orientado no sentido da investigação e procura de meios que venham a permitir, por um lado, aperfeiçoar os métodos de restauro e, por outro, melhorar as condições dos que trabalham nas oficinas do Instituto e que continuamente estão expostos à acção fortemente nociva dos bactericidas e fungicidas.

Ao entrar no Instituto de Patologia, cada livro é inscrito e descrito numa ficha que o acompanhará durante as várias fases da sua passagem pelo mesmo e que depois ficará arquivada nos serviços tecnológicos. Cada uma das secções-base do Instituto (a de Tecnologia, a de Biologia e a de Química), irão pronun-

ciar-se sobre o livro recém-entrado: primeiro, diagnosticando a causa ou as causas da alteração nele verificadas; depois, aconselhando os meios de ataque ao agente destruidor e, finalmente, os processos de reparação a utilizar.

Dia-a-dia, na secção de Biologia, especialistas de entomologia procuram alargar os seus conhecimentos sobre a fauna bibliófaga e xilófaga. Mais de 70 espécies encontravam-se, ao tempo da visita que ali fiz, identificadas como agentes especificamente italianos de doenças dos livros e das madeiras. Também as colas e os materiais de encadernação estavam a ser objecto de cuidadoso estudo, por constituírem meio propício ao desenvolvimento de agentes maléficos.

Dentro da mesma secção e em íntima colaboração com os serviços de entomologia, estão os serviços de microbiologia, onde existe toda uma rica colecção de microrganismos do papel e do pergaminho, acrescentada sempre que uma nova espécie é isolada em qualquer das obras para restauro, que dão entrada no Instituto. Ali se procedia, então, entre outras, a experiências sobre o poder fungicida de certos compostos químicos, sobre a determinação da dose mínima eficaz dos mesmos quando misturados nas colas, para ataque aos micróbios, sobre a acção microbicida dos raios ultravioletas e sobre o poder fungicida do brometo de metilo e do formaldeído, este último utilizável apenas nos pergaminhos sem iluminuras.

Em Outubro último, estudava-se, no meio de grande expectativa, um novo sistema para se conseguir simultaneamente e em boas condições, a desinfecção e a desinfestação das espécies,

tentando, através de um único processo, fazer frente aos ataques, quer dos insectos, quer dos microrganismos.

A terceira grande secção do Instituto é a de Química, à qual se põem problemas numerosos, quer de química geral, quer de química biológica e também de toxicologia.

Efectivamente, na base de questões técnicas, como o reavivamento e decifração da escrita em documentos deteriorados, a determinação da resistência dos papéis e das tintas ao restauro, a procura de novos fungicidas e insecticidas de maior espectro destruidor, assim como na base de quase todos os problemas biológicos que interessam à actividade do Instituto, está sempre um problema de química, nomeadamente no que se refere aos perigos de intoxicação decorrentes da desinfecção.

A falta de conhecimentos técnicos impede-me de falar do moderno equipamento da secção, mas não quero deixar de referir o facto de existir ali uma estufa de ar a alta temperatura destinada a provocar, a título experimental, o envelhecimento artificial do papel, de modo a verificar-se se, dentro de cem anos, os restauros hoje feitos poderão subsistir.

A atestar o prestígio do laboratório de Química do Instituto estão as numerosas consultas que lhe são feitas da parte de várias entidades científicas e, de um modo especial, dos serviços de restauro dos museus com que o Instituto mantém colaboração.

Quanto ao laboratório de restauro, pròpriamente dito, está apetrechado com moderna aparelhagem eléctrica; vendo-se ali câmaras termostáticas, prensas oleodinâmicas, secadores, lamina

dores, tanques para lavagem das espécies e cofres para as obras raras que aguardam restauro. É ali que se preparam muitos dos "milagres" que se realizam no Instituto. Estes são mais de ver do que de contar. São os velhos pergaminhos enrugados, calcinados em incêndios, destruídos a um ponto inverosímil, aparentemente irrecuperáveis que, depois de convenientemente amolecidos, desenrugados, distendidos, prensados, remendados com o máximo de perfeição (quantos cuidados até se conseguir dar ao pergaminho a espessura e o tom exacto dos antigos!) e, uma vez restaurado o texto, que antes se procurou reavivar, se tornam manuseáveis, legíveis, preciosos! E não só livros e pergaminhos, mas também mapas aparecem "ressuscitados" ao cabo de um labor em que um extremo rigor científico na preparação das técnicas surge aliado à mais paciente e delicada arte do restauro como labor manual.

Quero lembrar aqui que o Instituto publica semestralmente um Boletim ^(*) que reputo do maior interesse para bibliotecários e arquivistas, o qual é permutado com muitas instituições estrangeiras e onde, além de noticiário, recensões e bibliografia, se publicam artigos técnicos, uns de divulgação, outros de alta especialização na química, na física e na biologia, aplicadas à patologia do livro. Ali encontrarão os colegas, em profundidade e desenvolvimento, aquilo de que eu apenas lhes pude deixar a sugestão.

(*) - O Bollettino dell'Istituto di Patologia del Libro "Alfonso Gallo", existe nas colecções da B. N. L., com a cota B.P.P. 354 V. e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a cota A-15-24.

O Instituto de Patologia do Livro ocupa, numa zona de verdura do centro de Roma, quatro edifícios, um deles de construção recente, e em cujo rés-do-chão estão os laboratórios de Restauro e de Tecnologia, a secção de Física com o laboratório fotográfico e a Fototeca, e no primeiro e segundo andares os laboratórios de Biologia e Química. Este moderno edifício está equipado com ascensores, monta-cargas, extintores e células fotoelétricas de alarme. À parte, está a câmara de desinfestação e as instalações próprias para a criação de cobaias.

Nos edifícios mais antigos funcionam, além dos serviços de secretaria e arquivo, um centro de estudos para a luta anti-termítica e um centro de documentação do manuscrito italiano. É aqui que desde 1957 se procede à reprodução de textos manuscritos, seleccionados por ordem de raridade ou urgência, de modo a preservarem-se os originais preciosos que um manuseamento constante prejudica, como é óbvio.

O Instituto de Patologia possui, para uso dos próprios serviços, uma biblioteca de 3 000 volumes e muitas centenas de folhetos, constituída, na sua maior parte, por obras modernas e especializadas de bibliologia e biblioteconomia. Também a biblioteca do fundador do Instituto foi oferecida a este, ficando a constituir um fundo à parte.

O Instituto possui ainda um pequeno museu onde se guardam exemplares dos parasitas da madeira e dos livros, recolhidos em toda a Itália, e numerosos gráficos elucidativos dos movimentos da cobertura antitermítica das várias regiões italianas e de algumas estrangeiras.

Para terminar, quero lembrar que o Instituto de Patologia do Livro — uma das mais originais instituições científicas do mundo — foi fundado em 1938 por Alfonso Gallo que, através dos anos difíceis da última guerra, o dirigiu até à altura da sua morte, em 1952. De então para cá, segundo me foi dado observar em visitas demasiado rápidas, os continuadores da sua obra têm procurado fazer tudo o que lhes é possível para manter e até alargar aquilo que constituiu o escopo do seu fundador. Pena é que o pessoal não seja mais numeroso, de modo a poder fazer face às tarefas cada vez mais vastas que reclamam a sua atenção e a permitir menos restrições na admissão de bolseiros estrangeiros, que tão frequentemente exprimem o desejo de estagiar no Instituto e que têm de aguardar largos meses até que possam frequentá-lo.

Maria Fernanda Antunes Ribeiro
Biblioteca Nacional de Lisboa